

A DESCONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE HUMANA EM “ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA”

Nahinã de Almeida Rosa Barbosa¹

RESUMO

Este artigo pretende analisar, embasado nos conceitos de Stuart Hall em “*A Identidade cultural da pós-modernidade*” (2003), a questão da desconstrução da identidade no romance “*Ensaio sobre a cegueira*” (1995), do autor português José Saramago. A humanidade, através dos olhos do autor, é despida de qualquer sentimento nobre, mas repleta de sentimentos ruins, representativos da podridão, da putrefação do caráter humano, levando-nos ao desprezo à nossa própria raça e ao questionamento sobre nossos próprios valores. A deterioração do caráter humano é um sinal da “*crise de identidade*”, onde o indivíduo perde seus parâmetros de uma identidade sólida e fortificada, e passa a ter que assumir outras identidades, muitas vezes até contrárias à que assumia antes, a fim de poder sobreviver às novas situações geradas a partir da proliferação da cegueira branca.

ABSTRACT

This article aims to analyze, based on the concepts of Stuart Hall in "*Identidade cultural da pós-modernidade*" (2003), the question of the deconstruction of identity in the Portuguese author José Saramago's novel "Blindness" (1995). The mankind, through the eyes of the author, is devoid of any noble feeling, but full of the bad ones, which are the representatives of the rot, of the putrefaction of the human character, leading us to disregard our own race and to question our own values. The deterioration of human character is a sign of the "*identity crisis*", where the individual loses his/her parameters of a solid and fortified identity, and assumes other identities, sometimes even contrary to the one which was assumed before, in order to survive the new situations created from the proliferation of the white blindness.

Palavras-chave: Ensaio sobre a cegueira, Identidade, José Saramago, Pós-modernidade.

Key words: Blindness, Identity, José Saramago, Postmodernity

¹ Discente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie

A DESCONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE HUMANA EM “ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA”

O livro “Ensaio sobre a Cegueira”, de José Saramago, é tratado neste artigo não somente por explicitar a sociedade contemporânea, mas também por tratar da questão da identidade humana— no caso, da desconstrução desta – na modernidade. Embora tenha sido escrito em 1995, e não diga em qual local a narrativa se desenrola, podemos atribuí-la à nossa atualidade e a qualquer cidade, já que traz temas que, infelizmente, condizem com a nossa realidade, como diferenças sociais e morais, violência, egoísmo, individualidade, chantagem, falta de ética, etc., portanto, o manicômio, e depois a cidade, representam um microcosmo de nossa própria sociedade, ou, segundo as palavras do autor: “O mundo está todo aqui dentro” (SARAMAGO, 2008, p.102). Conforme Duarte atesta:

A não localização geográfica e a falta de demarcação temporal (...) ampliam a abrangência da narrativa, pois a cidade fictícia pode ser uma representação de qualquer cidade onde imperam as contradições imanentes ao capitalismo avançado² (p.4);

O mesmo ocorre com o fato da narrativa não dizer o nome das personagens, que são tratadas através de suas características (rapariga dos óculos escuros, menino estrábico, velho da venda, entre outros), possibilitando que essas personagens representem qualquer pessoa. Segundo o próprio José Saramago, em uma entrevista concedida a Bete Köninger, “estes personagens somos todos nós, que nos estamos tornando cada vez mais anônimos, cada vez mais números, instrumentos, clientes. Cada um de nós começa a não saber quem é”³.

A humanidade, através dos olhos de José Saramago, é despida de qualquer sentimento nobre, mas repleta de sentimentos ruins, representativos da podridão, da putrefação do caráter humano gerados pela cegueira, o que nos leva a um desprezo à nossa própria raça e a um questionamento sobre nossos próprios valores. Segundo Duarte: “Assim, no *Ensaio sobre a Cegueira* vemos, de forma surpreendente, como a crise gerada pela cegueira se move através da violência e da desumanização, fazendo com que os valores de igualdade e de respeito mútuo sejam deteriorados” (p.4). A deterioração do

2 “Barbárie e Humanização, no Ensaio sobre a Cegueira, de José Saramago”. Disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/ciencialit/garrafa3/16-livia.doc>> - Acesso dia 03/11/2009 às 15:47h

3 Entrevista com José Saramago: “Atenção, este livro leva uma pessoa dentro”. Disponível em: <<http://www.matices.de/16/16ksaram.htm>> - Acesso dia 03/11/2009 às 16:32h.

caráter humano, gerada por meio da cegueira branca, é um sinal da “*crise de identidade*”, que pode ser definida, de acordo com Stuart Hall, como

um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. (...) Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma ‘crise de identidade’. (2003, p.9)

Essa “*crise de identidade*” enfrentada pelos personagens ocorre porque o ambiente em que se encontram (manicômio) é diferente da realidade em que se encontravam. Segundo Giddens, citado por Stuart Hall, “(...) elas [as transformações sofridas pela modernidade] alteram algumas das características mais íntimas e pessoais de nossa existência cotidiana” (2003, p.16). Vemos, portanto, que a sociedade modifica as identidades dos indivíduos através das situações vividas por eles, fazendo com que um sujeito que detinha uma única concepção de identidade clara, fortificada e esclarecida, passe a ser composto por várias identidades, podendo ser elas coerentes ou duvidosas.

A obra trata de uma cegueira branca que começou de repente e, assim como veio, espalhou-se, contaminando toda a raça humana. A princípio, os primeiros contaminados e as pessoas que com eles tiveram contato foram isoladas em um hospício em uma tentativa de conter a doença somente naquele lugar, mas conforme a quantidade de infectados foi aumentando e fugindo do controle das autoridades, a epidemia e o caos espalharam-se sob todas as pessoas, em todos os lugares.

A narrativa começa descrevendo uma cena de trânsito típica de qualquer cidade, na qual nos permite ver o estado de *stress* e nervosismo presente nos motoristas, como podemos atestar em: “Os automobilistas, impacientes, com o pé no pedal da embraiagem, mantinham em tensão os carros, avançando, recuando, como cavalos nervosos que sentissem vir no ar a chibata” (Idem, *Ibidem*, p. 11). É nessa atmosfera que acontece o primeiro caso da cegueira, e o narrador nos mostra o primeiro indício da putrefação humana, o individualismo, já que todos que passavam perto do carro do primeiro cego não queriam saber o que estava acontecendo, mas queriam que o obstáculo que atravancava suas vidas fosse resolvido e transpassado para que pudessem continuar com suas vidas e rotinas.

Surpreendemo-nos quando uma boa pessoa, ou como o próprio narrador a denomina, “bom samaritano” (Idem, Ibidem, p. 15), decide ajudar esse cego, já que não estamos acostumados com uma cena de solidariedade para com os menos afortunados. Essa surpresa fica explícita até mesmo no sentimento do primeiro cego, conforme podemos ver em: “O zelo pareceu de repente suspeito ao cego, (...) (Idem, Ibidem, p.15). Esse ato de generosidade é logo desmascarado através das falas da mulher do primeiro cego, “O santinho do teu protector, a boa alma, levou-nos o carro (...). Aproveitou-se da tua desorientação, da aflição em que estavas e roubou-nos (...)’ (Idem, Ibidem, p. 20), o que nos revela o mau caráter do ser humano. A mulher do primeiro cego também nos mostra o “mundo de aparências” em que vive, isto é, mesmo com a cegueira do marido, sua preocupação era que este não transparecesse estar cego para que os vizinhos não percebessem e, assim, não comentassem: “(...) se algum vizinho aparecer, fala-lhe com naturalidade, (...) olhando para ti ninguém pensará que não vês (...)” (Idem, Ibidem, p.19).

O individualismo é a característica negativa mais presente no decorrer da obra, já que aparece em variadas situações e personagens; segundo o narrador: “ainda está por nascer o primeiro ser humano desprovido daquela segunda pele a qual chamamos egoísmo” (Idem, Ibidem, p.169). O primeiro traço de individualismo e egoísmo que é despertado nas personagens acontece quando essas são infectadas pela cegueira e, com a infecção vem a inconformidade e o questionamento sobre o porquê terem elas sido as escolhidas para viver esse infortúnio, como se fossem melhores ou superiores a outras pessoas, ou que essas merecessem esse destino mais do que elas mesmas: “(...) não parava de perguntar-se como era possível que tão grande desgraça lhe estivesse a acontecer a ele, A mim porquê” (Idem, Ibidem, p.21). As situações geradas pela modernidade, como a competição entre os homens, a necessidade que os indivíduos sentem de sempre serem melhores que os outros, entre outras, acentuam o individualismo presente nas identidades modernas; Hall comenta que: “É agora um lugar-comum dizer que a época moderna fez surgir uma forma nova e decisiva de *individualismo*, no centro da qual erigiu-se uma nova concepção do sujeito individual e sua identidade.” (2003, p. 24).

Outra grande personagem repleta do egoísmo e da superioridade humana é o governo, que pode ser representado através das autoridades, do exército e do sargento. Podemos ver esses sentimentos quando as autoridades levam para o manicômio os contaminados pela cegueira e os que com eles tiveram contato, excluindo-os para que os

outros que ainda não foram contaminados (como eles próprios, por exemplo) continuassem imunes, como Praxedes comenta em seu artigo⁴:

Para se livrarem rapidamente de suas responsabilidades, enquanto o Ministro da Saúde e seu assessor acreditavam que o problema atingiria apenas uma minoria, trataram de isolar os cegos contagiados em um manicômio de modo a que estivessem longe da vista dos demais e não pudessem incomodar, analogamente à maneira como as sociedades modernas tratam os indivíduos considerados loucos. (2008, p.2)

Entre várias situações que expressam o descaso das autoridades em relação aos doentes, encontra-se o momento no qual o médico tenta alertar as autoridades da saúde sobre uma possível pandemia de cegueira, e estas fingem que isto não é importante, disfarçando as tomadas de decisões que somente beneficiaram o governo, e não a população.

Outra situação que ilustra esse descaso é o aviso que é dado aos cegos através de auto-falantes nas camaratas do manicômio, pois embora dissessem que havia telefone para pedirem por produtos de limpeza e de higiene, e que mandariam comida três vezes ao dia, o governo não cumpria com sua palavra ou, quando cumpria, os suprimentos não eram suficientes para a sobrevivência de todos, como explicita Praxedes:

De fato, logo que um dos cegos necessitou de medicamentos para um ferimento ocorrido em um conflito com a rapariga dos óculos escuros, a quem tentara molestar, e se dirigiu para o portão para falar com os soldados que guardavam o manicômio, recebeu uma rajada de tiros a queima-roupa e morreu. (Ibidem, p.3)

Nanci Geroldo Richter, em sua tese⁵, afirma: “A preocupação maior do governo e de seus ministros não é a de tratamento para os contagiados, mas, sim, a sua reclusão, e, com forte esquema de segurança, a fim de que o restante da população não seja infectada pelo mal branco (...)” (2007, p.26).

Embora houvesse um posto do exército em frente ao manicômio, ele estava separado e isolado de qualquer contato com os doentes por um muro e um portão, e os soldados

4 “Ensaio sobre a cegueira: a cegueira como metáfora no livro de José Saramago”. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/088/88praxedes.pdf>> - Acesso 03/11/2007 às 15:55h

5 “Os espaços infernais e labirínticos em Ensaio sobre a Cegueira”. Tese de Doutorado da USP: 2007. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=142849> Acesso: 03/11/2009 às 16:48h

tinham a autorização de matar qualquer um que tentasse se aproximar deles: “No mesmo instante um soldado gritava-lhes do portão, Alto, voltem já para trás, tenho ordens para disparar (...) voltam agora mesmo para donde vieram, ou levam um tiro” (SARAMAGO, 2008, p.69). Quando o cego que roubou o carro morre devido a sua ferida na perna, o governo manda enterrá-lo, mas o exército ali presente manda deixá-lo apodrecer – “Não enterrem, deixem-no aí a apodrecer” (Idem, Ibidem, p.84). Ao ser interpelado pelo médico e sua mulher, por dizerem que os fluidos liberados pelo corpo apodrecido poderia contaminar o ar e, conseqüentemente, eles também seriam contaminados, o sargento decide jogar uma pá para que o corpo seja enterrado e que o exército ali em vigília permanecesse não-contaminado pela doença.

O exército também representa a falsidade, como podemos notar na passagem: “Vem andando, ceguinho, vem andando, disse de lá um soldado em tom falsamente amigável” (Idem, Ibidem, p.106). Neste trecho, além da falsidade podemos ver também a sede de matar, pois esse soldado tentou enganar o cego para que esse se aproximasse do muro e tornasse possível que atirassem nele. Esse desejo por violência também fica expressa pela fala do sargento: “Temos aqui um coronel que acha que a solução é ir matando os cegos à medida que fossem aparecendo” (Idem, Ibidem, p.111)

Além das muitas passagens que representam o individualismo e a podridão humana, o narrador diz que “fizemos dos olhos uma espécie de espelhos virados para dentro” (Idem, Ibidem, p.26), ou seja, o ser humano só olha para o que lhe diz respeito e ao que lhe interessa; é egoísta e só olha para si mesmo, o sofrimento do outro não lhe importa.

A desonestidade também fica clara no decorrer da narrativa, onde mesmo estando doentes, na mesma situação ruim em que se vivia dentro daquele manicômio, muitos dos cegos tentaram burlar as regras criadas por eles mesmos, onde cada um receberia uma porção de comida, quando não teriam que dividir com outra pessoa, como podemos ver em:

Acresce que alguns ocupantes da segunda camarata, com mais do que censurável desonestidade, quiserem fazer crer que eram em maior número do que eram de facto. (...) Mal-intencionados e de mau caráter foram também aqueles que não só intentaram, mas conseguiram, receber comida duas vezes (...) (Idem, Ibidem, p.93)

Além da desonestidade presente nas camaratas, também havia a falta do senso de coletividade, onde cada um era egoísta o suficiente para não se sacrificar pelo grupo, seja quando não houve voluntários para enterrar os corpos dos moradores de suas próprias divisões: “Vamos lá então enterrar aqueles, não se apresentou um só voluntário” (Idem, *Ibidem*, p. 94), ou quando uma camarata composta só por homens decide roubar toda a comida e chantagear todas as outras camaratas, pedindo jóias e dinheiro a fim de que a comida fosse repassada a elas, como nos mostra Praxedes:

Um grupo de cegos denominados pelo narrador como "cegos malvados" percebeu que se usasse da violência poderia extorquir os poucos objetos de importância financeira que porventura ainda estivessem em poder dos demais cegos, seqüestrando a comida que era depositada no pátio pelos soldados. (2008, p. 3)

A putrefação do ser humano fica explícita quando trata-se do ambiente sujo e desagradável em que tornaram-se as camaratas, com o apodrecimento de corpos mortos nos corredores, as defecações por todos os lados, como se esses homens tivessem liberado seu lado animal e passassem a viver como um, não pensando no coletivo, aliviando suas necessidades onde fosse necessário e sendo individualistas.

A inveja, a chantagem e a traição também estão presentes nesse microcosmo. A inveja foi retratada através de um julgamento feito por possíveis vizinhos à vida dos moradores da casa do médico: “(...) os vizinhos invejosos diriam, Aqueles, ou lhes corre bem a vida, ou são uns inconscientes e julgam poder fugir à desgraça rindo-se da desgraça dos mais” (SARAMAGO, 2008, p. 290). Além de manifestar-se na troca de comida realizada nas camaratas, é possível, também, notar a presença da chantagem na figura da velha que mora no apartamento debaixo do da rapariga dos óculos escuros, já que só liberou a passagem por sua casa em troca de comida. E a traição fica evidente quando o médico deitou-se com a rapariga, não respeitando nem a presença de sua esposa, nem seu matrimônio.

O julgamento que as pessoas fazem em relação aos outras está presente, entre muitas outras situações, quando a notícia de como a rapariga dos óculos escuros cegou se espalha. Por esta ser uma mulher da vida, muitos disseram que ela foi “castigada por causa do seu mau porte, da sua imoralidade” (Idem, *Ibidem*, p. 36).

O momento que melhor representa toda a putrefação humana é quando as mulheres são exigidas como forma de pagamento para que suas camaratas recebessem comida. Segundo Praxedes, “o narrador parece demonstrar, assim, que pode não haver limite para a

degradação humana” (2008, p.3). É através desse fato que atestamos até que ponto o ser humano é capaz de chegar a fim de realizar suas necessidades, seus desejos e satisfazer seus sentimentos podres. Não só a humilhação moral foi enorme, como também a degradação física, o que ocasionou a morte de uma das mulheres devido aos maus tratos recebidos e ao estupro sofrido:

Durante horas haviam passado de homem em homem. De humilhação em humilhação, de ofensa em ofensa, tudo quanto é possível fazer a uma mulher deixando-a ainda viva. (...) Está morta, disse a mulher do médico, e a sua voz não tinha nenhuma expressão, se era possível uma voz assim, tão morta quanto a palavra que dissera, (...) (SARAMAGO, 2008, p. 178)

Como as pessoas não enxergam o que acontece e ao seu redor, estas fazem tudo o que querem, com a desculpa de ninguém estar vendo, levando-os ao fim do pudor – que nos é mostrado pelos olhos da mulher do médico – através das evacuações no chão, ou até mesmo das relações sexuais realizadas no corredor do hospício.

A idéia de que ninguém vê o que as pessoas fazem, como um anonimato resultante da cegueira, também aparece quando o médico e sua esposa vão abrigar-se na Igreja e a mulher vê as estátuas e pinturas de santos com os olhos vendados por uma faixa branca, como se nem mesmo Deus estivesse olhando para eles, portanto, todos os maus sentimentos e as piores atitudes do ser humano são liberados, já que não há a repreensão nem o castigo divinos e são “desculpados” pela cegueira.

Podemos perceber, portanto, que *Ensaio sobre a Cegueira* não é somente um microcosmo que representa nossa sociedade, mas é por meio desta obra que temos as oportunidades de reavaliar nossos valores e os valores presentes no ser humano. O livro também nos mostra não só a questão da “crise de identidade” causada pela modernidade, em que o indivíduo é capaz de assumir as mais diversas identidades a fim de se integrar e se adequar à sociedade, mas também como o homem, através de suas atitudes e comportamento, revela ainda ter seu instinto animal, sendo capaz de ignorar os costumes morais e até de matar para atingir os seus objetivos (neste caso, para conquistar a sobrevivência).

Referências Bibliográficas

DUARTE, Livia Lemos. *Barbárie e Humanização, no Ensaio sobre a Cegueira, de José Saramago*. Disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/ciencialit/garrafa3/16-livia.doc>> - Acesso dia 03/11/2009 às 15:47h

KÖNINGER, Bete. Entrevista com José Saramago: “*Atenção, este livro leva uma pessoa dentro*”. Disponível em: <<http://www.matices.de/16/16ksaram.htm>> - Acesso dia 03/11/2009 às 16:32h

HALL, Stuart. “*A identidade cultural da pós-modernidade*”. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

PRAXEDES, Walter. *Ensaio sobre a cegueira: a cegueira como metáfora no livro de José Saramago*. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/088/88praxedes.pdf>> - Acesso 03/11/2007 às 15:55h

RICHTER, Nanci Geroldo. “*Os espaços infernais e labirínticos em Ensaio sobre a Cegueira*”. Tese de Doutorado da USP: 2007. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=142849> Acesso: 03/11/2009 às 16:48h

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a Cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.